

O Salsifé

JORNAL DAS QUINTAS-FEIRAS

Nº 11

Lisboa - Quinta feira 7 de Fevereiro de 1884

1º anno

Artigo de fundo

Estão prestes a terminar as reuniões do nosso amigo D. Santos, o que quer dizer que começamos a sentir as amarguras d'uma grande falta, e as saudades dos magníficos momentos passados entre a mais selecta sociedade. E deveras lamentável que assim suceda! A amabilidade generosa dos donos da casa, o espírito, e gentileza das damas, seus meigos othares, os seus sorrisos encantadores, as apreciáveis conversações dos cavaleiros, tudo em fin concorre para nos deixar saudades, e desenvolver o sentimento da saudade por tão memoráveis reuniões. I quem sera de vos o leitor, que não professe igual sentimento? Nenhum decreto, etão se podem esquecer momentos de tanta felicidade, e evolução, como eternamente saudosa nos fica sendo a lembrança dos salários!!

Rolando.

Folhetim — Crónica —

Estou n'um chaos de perplexidade! Ou hei-de ser plagiário, ou hei-de concentrar em meu espírito, todos os elogios, que me mereceram as evinhas treadoras, que abriu tantaram com o seu talento artístico a ultima, e encantadora reunião a que tivemos o prazer de assistir. Colocado pois entre as pontas do dilema, prefiro já ser juz as epithets de plagiário, a deixar de prestar um fervoroso culto a tão suáma chronica se depreende, que as chamas intelligenças. Os nossos bons colhe foram beneficas, porque lhe fizeram legas, que relevam, se no decurso d'esta debentar com inma pujança até hás apreciações, uma, ou outra vez nos sair conhecida no Salsifé as figuras de rica dos bicos da pena alguma das magnificas frases com que enginaldaram as suas maravosas chronicas.

O programma do concerto, foi o seguinte:
"Mon Réve - D. Maria Pinha -

Góllas, e migalhas

— A espreita —

Quinta feira, que passou a uma porta encostado
Estava um lindo cacadour
Com um ar preocupado!
A bolsa ainda sem rada
Como de casa a trouxera
Tornara-o tão serio e triste
Que quem passava, e o via
Logo depressa dizia:
"Ser infeliz é critado!"
E, que o porre do mancebo
Lastimava o triste fado
Que mais cedo o não deixara
Ir p'ro sítio desejado:
Separara-se do grupo
Dos evinios cacadoures
Por motivos, que até hoje

« Pasquinade - D. Luciana Santos -
"Giulia - Canto - D. Isabel Chaves -
"Preludio de Chopin - D. Maria Pinha
"Adiutorianais - Canto - D. Maria Amelia Ferreira
"Dança des Bacchantes - D. Maria Amelia
e D. Maria Luiza Ferreira.
O maior elogio, que se pode fazer à evolução d'estes techos musicais, consiste em elevoar os nomes das gentis interpretes. — entre as pontas do dilema, prefiro já ser juz as epithets de plagiário, a deixar de prestar um fervoroso culto a tão suáma chronica se depreende, que as chamas intelligenças. Os nossos bons colhe foram beneficas, porque lhe fizeram legas, que relevam, se no decurso d'esta debentar com inma pujança até hás apreciações, uma, ou outra vez nos sair conhecida no Salsifé as figuras de rica dos bicos da pena alguma das magnificas frases com que enginaldaram as suas maravosas chronicas.
que na idade viril os recursos são extra-ordinarios, e não calam facilmente as imprenses devidadas pela leitura dos dois

O SALSIFÉ

Inda não foi revelado
E por isso esp'ava a caça
Sem no bosque ter entrado
Já quasi perdida a sperança
Da caça poder matar
Resolvera-se a partir
Sem por ella mais esp'rar
Eis que surge de repente
Uma lebre tão gentil
Que o pobre cacador
Em lugar de lhe atirar
Julgou ser mais proveitoso
Es laço a ir apanhá-la.
Partiu correndo apos ella
E um correr vertiginoso
Ela alcançal-a ficou
Offegante, e radiosa
Mas a lebre, que do frio
Receiu cruéis rigores
Pensando no cacador
Que a seguiria pressuroso
Recorreu-se a bastidores
Desvaneceu-o friste, e choroso

25-1-84

Indiscreto

Madraco amigo, e senhor
Desejo chegar-se bem

Com a esposa, filho, e filhas
Da viagem que fizeram
De Belém ate cacilhas
Com pesar lhe participo
Que o Romantismo acabou
Veio poros p'ro mercado
E por star encorrendado
Esse mesmo se fundou
O chaos, e o lixo da vida
Estão ambos emprestados
Elo Ignotus chronicista
P'ra n'um d'elles pôr a lista
D'uns tous quentes, e dourados
Et tal perplexidade
Que o amigo encorrendou
N'la p'la hora da morte
E como é fazeuda forte...
Cretalho, que lh'envio
Sessenta reis me custou.
Ehi lh'envio tres caixas
Da época platonica
Comprei-as na philarmónica
Qu' existe lá p'ra Belém.
Não p'roude ser mais barato
Tres caixinhas, um vintem.
Falei hontem co'un sujeito
Qu'está meio apaixonado

Que dir, que tem p'ra vender
Um braquino deus alado:
Se o meu amigo quiser
Custa apenas um cruzado.
Os Romeo's d'actualidade
N'os se encontram no mercado
E só no museu se encontram
D'um titular afamado...
De querer pois um Romeo
Falei ao dono do museu.
Ehi mando uns bonitinhos
Que me deu o Ignotus
Para dar ao seu rapaz...
Dão umas vibrações tremulas
Tres sereias cantadoras
Uma lux branca do gaz.
E aqui dou p'm ao recordo
De que me tinha dito
Desculpe se por ac
E não foi por mim bem servido
Madraco meu caro Madraco
E sua esposa um abraço
Mil beijos ao seu menino
De quem se arrigna gosto
Seu amigo: — Rosalino

prosadores poetas. Vibrações tremulas, e curso da sua órbita podem ser irresistivel-sentidas me percorrem o corpo ao ter de re-mente atraídos por uns outros fascinantes-gistar o desacordo em que me encontro com alguma sereia tentadora, que lhes não quer o meu amigo Ignotus com referência à mara aceitar um amor bastardo. As estrelas neira, porque aprecia o jogo das damas, e da sala do D^r. Santos são mulheres, e a mu-a restinha de sondosa memoria. A restin-ther não perdoa facilmente, a quem oura-ga não atraía, agarrava-se, qual me assim desperdiçar o tempo, que lhe devêra-dura ao imprudente, que se lhe aproxi-ser todo consagrado.
mava, e que d'ela se não podia ver li-Esta a ultima vez que à lux brauca do gaz,vre, sem molestar o seu autor. As faço a apologia dos peregrinos talentos das-damas atraem é verdade, mas a gentis frequentadoras das nossas reuniões-sua accão é amulada pelas numero-—e se esta minha despedida não tem tous-sas estrelas, que brilham fulgentemente-quentes, e dourados, bem pelo menos as-te nos salas do nosso amigo. Mas se vibrações sentidas, d'um coração dan-aos cavacheiros desejam continuar a ardoso, e que jamais olvidaria as gratifici-os satélites das damas de madeira, que mas impressões de tão alegre convívio-se acantelam. N'um determinado per-

Vulnerável.

O SALSIFRÉ

Pra viva o seu Rosalino
 Mais a sua biraria
 Desejo tenha gorado
 Saudinha e alegria.
 Eu cá por mim vou passando
 Conforme Deus é servido
 Só m'aponta é verdade
 Alguma dor no ouvido.
 Bons deve já saber
 Non botar nra viagem
 E'stoe tratando d'encher
 O meu saco de bagagem.
 Ao Rosalino eu pedi
 Encomendas de valor
 Mas leva tempo, e por isso
 De o amigo faz favor
 Ajuda-o n'essa tarefa
 Compachorra, e bom humor.
 Menos já esvardo
 Na minha carta primeira
 Inda outra coisa preciso
 Para metter na carteira:
 Eu qu'ria as recordações
 Fugas, e cheias d'esp'açadas
 Do tempo em que as tacadas
 Bram ainda creanças;
 A maior das alegrias
 E' rectidão no tocar
 E' até se l'hagradar:
 Descuidadas, saltitantes
 As famílias a entrar.
 Desejava mais ainda:
 A atmosphera saturada
 De perfume, qu'inebria
 E a marcha accelerada
 Dos implacáveis relogios
 Na sua invontoria.
 Mande-me mais o amigo
 E' fronte gentil dourada
 P'los cabellos, fios d'ouro
 E a canção modulada
 Esse mino, esse therow
 Por um archaio entada.
 De Fraileins, e de Miss
 Com um finissimo trato

Eu desejava o retrasto
 P'ra contemplar em segredo
 E ainda muito a medo
 Lhe pedia a animação
 E os espíritos no gosto
 Pleno de satisfação.
 Confesse, que já 'sta fatto
 Tariinho de me abiar,
 E por isso vou pôr ponto;
 Mas antes de terminar
 Quira o amigo aceitar
 Saudades do Miguel Carris
 E mais do Invulneravel
 Que tem aquinara nos
 Um estyo detestavel
 Lembrancas do Ignotus
 O realista enrage
 Mas que no tal romanticismo
 Cae como um jato olare,
 E um osc'lo bem sentido
 Do poeta Giroffé.
 Ah! me mando pr'ajuda
 Das desperas, seu Ladino
 Una bolsa recheiada
 De pratinha, e ouro fino
 E dirá as Rosalinos
 Que se ainda não chegar
 Entâe, que va passeiar.
 Oldeus Rosalinho amado
 Aceite um chicorão
 E um aperto de mão
 D'un amigo dedicado
 E se com esta massada
 Não almorzar de cantaco
 Merceira o louvor
 Do seu p'ra sempre:
 Madraes

Será o suposto filho de Mercúrio?
 Esta dito, meu Miguelinho,
 meu Carris, vou seguir-te o
 conselho, esperando que per-
 sistas no teu propósito, pro-
 metto imitar-te n'este fronte
 Ultimatum. Diz uma das
 tuas trovás:

Em lugar de versos tenta
 Ver se podes ser Romeo
 mas procura Julietta
 Que te agrade mais que eu.
 Não esperava que o Dr. Basilio me
 saisse Julietta à ultima hora!
 Com que então procure eu Ju-
 lietta, que me agrade mais
 do que Rosencia! Não senhor,
 não pede ser, para semelhan-
 te emociónade só em verso
 mas dos nossos:
 Para não tocar rebeca
 Von procurar Julietta
 Que m'agrade mais que tu
 cito com a violetta.
 Convém que o leitor saiba,
 que eu não conheço o meu
 ex-contendor. Dizem uns,
 que é branco, outros que é
 preto, mas brancos, preto,
 ou escarlata, nunca o pro-
 curei, como se depreende das
 suas trovás.

Roland.

Jamais dos saltrires
 P'lo Chiado subindo
 Um d'elles fallava alto
 O outro ia-se rindo
 Ambos iam discutindo
 Se fora com intenção
 Ou por mera distração
 Que D. Cláudia roubara
 O filo do Ernândio
 Um d'elles

Ah eu ilustre Rosalino
 Venha de lá um abraço
 Sou o morador da casa
 Do seu amigo Madraes.
 P'ras encomendas, que fez
 O não estares endinheirado
 Não é desculpa aceitável
 Pede o baguinho emprestado.

Mas se tu não queres ficar
et deves conta grande
Tira da propria bolsa
alguma prata minda.
O negocio não é caro
Mas em fin tu é a meus
Podes gastar à vontade
Mei hastão, ou tres vintens.
Receios, que não tenhas
Quantia tão avultada....
Nâ saudades ao Rolando
E dize-me, que peço eu
Que t'empreste algumas boiras
Em quanto eu vou preparando
cls malas p'ra caminhada
Pois acompanho Madraco
Quando partir p'ra jornada
Post-scriptum. Se lá for
Quinta feira, a Ermelinda
Dir-me-has, que vou partir
Muito breve para França
Se quizer alguma coisa
etas tem me comprometter
Que me mande uma condeça
Para qualquer encomenda
Li em bucha de the traser.
Galaceiro

Mbacollé
(Côro do Macacão)

Nen Serpa Benvenuto
Sorq'andas tão enchofrado?
Tu que tens o coocurto
Tão lisinho, tão petrado!
Se é por causa do Yl
Que falta no Ermelindo
Não t'esquentes, toma-o lá
Não te vás escaquindido.

et' Pamputha não vão
Não, ai, não
Por causa da escamaciaõ
Do Serpa

Mas ninguem tem o Pachequinho
Que ha de passar-the
Que ha de passar-the
Mas ninguem tem o Pachequinho
Ha de passar-the o geniosinho.

Porque fui, que o Pachequinho
não 'steve no Salsifre
Porque apesar de cominho
Tem mais genio, olare!
O Yl den-the no gôsto
Embruchou-o coitadito
O ladrão era maroto
O ladrão era maldito
Ir à festa sem Yl
Isto là
E' coisa que não fará
Pacheeo

Mas ninguem tem o Pachequinho Dr.

Inda a falta do Pacheeo
Tem outra explicacão
Porque o homem não é sêco
Para amar é um voleas:
Tem andado a ensaiar
Lá em casa o raparote
Para ás damas agradar
Biminettes, e gavotte

Ir à festa sem gavotte
Que calote
Era grande piparote
P'ro Pacheeo

Mas ninguem tem o Pachequinho Dr.
Paf! Paf!

Correspondencia. — Zaida. — Os redactores
que pela sua posição podem accitar os
versos de V. L. a. estão n'um chão de perple-
xidade contemplativa, até receberem
das minhas mãos de V. L. a., a solução
de tão intinckado problema.

Redacção - R. do Quelhas 54.